

Orquestra
Experimental
de Repertório

Ópera
Fora da
Caixa

Ministério da Cultura,
Prefeitura de São
Paulo, através da
Secretaria Municipal
de Cultura e
Economia Criativa,
Fundação
Theatro Municipal
e Sustainidos,
apresentam

O AFIADOR DE FACAS

de
Piero Schlochauer

libreto de
Piero Schlochauer
e Beatriz Porto



Orquestra Experimental de Repertório

Leonardo Labrada
direção musical

Fernanda Vianna
direção cênica

Piero Schlochauer
codireção cênica

**Renato Bolelli
Rebouças**
cenografia

Aline Santini
design de luz

Olintho Malaquias
figurino

PollyBr
visagismo

Clarice Lima
preparação corporal

Cecília Massa
A Filha

Edineia Oliveira
A Mãe

Julián Lisnichuk
O Filho

Flávio Borges
O Afiador de Facas

Moiras – Tecelãs
Fiandeiras do Destino

Raquel Lacerda
Cloto

Mayara Lopes
Lâquesis

Ju Soveral
Átropos

*Espetáculo em parceria com a Cia Ópera São Paulo

**Fora da Caixa,
dentro da oficina**
Alessandra Costa
e Andrea Caruso Saturnino

Para não esquecer
Piero Schlochauer

**Recordar: re-cuore – passar
de novo pelo coração**
Fernanda Vianna

**A memória como uma faca
cega; a ópera como poética
do esquecimento**
Leonardo Marinelli

**Personagens
e Sinopse**

Libreto

Créditos

Ficha Técnica

**Orquestra
Experimental
de Repertório**

A Sustenidos

**Fundação
Theatro Municipal**

5
10
13
15
19
22
34
49
55
56
57

The background is a dark, textured red with a mottled, almost marbled appearance. Two white, hand-drawn style lines are overlaid on the image. One line starts from the top right, curves down and to the left, crossing the other line. The second line starts from the bottom left, curves up and to the right, crossing the first line. These lines create a large, irregular white shape that frames the text. The text is centered and reads:

FORA
DA CAIXA,
DENTRO
DA OFICINA

É um prazer e uma realização receber vocês para nossa primeira produção da Ópera Fora da Caixa na Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri – espaço dedicado à construção das cenografias do Theatro Municipal, ao armazenamento e à preservação dos figurinos, objetos de cena e cenários; e ao compartilhamento de saberes, poéticas, espetáculos e atividades artísticas em geral. Aqui, tudo é processual, analógico – uma ode à artesanania do fazer cênico.

Ativar e abrir a Central ao público é um sonho desde 2021, quando assumimos a gestão do Complexo Theatro Municipal de São Paulo e encontramos os galpões lotados de restos de cenários misturados e sem uso. Começamos, então, um longo e minucioso processo de triagem, limpando, tratando e organizando o material acumulado por anos. Devolver ao lugar sua vocação original de ser uma Central Técnica de Produções, onde se constroem as cenografias das óperas e dos espetáculos do Balé, parecia tarefa impossível, já que ali não havia espaço, equipe, materiais nem equipamentos. Mas foi justamente esse fazer essencial, imposto como condição *sine qua non* desde a primeira ópera que produzimos, ainda em 2021, que propiciou a retomada.

Através da Gerência de Formação, Acervo e Memória, sob a batuta de Ana Lúcia Lopes, construímos um eixo interdisciplinar que foi se constituindo como motor e balizador das distintas frentes que, juntas, fazem desse lugar espaço de criação, construção, formação, conservação e fruição. Implementamos um projeto de bolsistas e passamos a acolher, anualmente, um total de trinta jovens interessados em aprender os ofícios por detrás da cena. Sob a tutela do chefe de cenotecnia crescido nas coxias do Theatro, Aníbal Matos, mais conhecido como Pelé, os inscitos na sessão cenotécnica aprendem desde as variadas técnicas de construção, passando pelas vestimentas e parafernália cênicas, até a montagem no palco. Com uma carga horária de trinta horas semanais, esse programa, que atualmente encontra-se em sua quarta edição, tem sido fundamental para nos aprofundarmos em questões-chave, como a transmissão de um ofício tão específico como a cenotecnia, e o papel do Theatro Municipal, principal casa de produção cênica do Brasil, no desempenho dessa função.

Paralelamente, convocamos as cenógrafas e os cenógrafos convidados para compor as equipes criativas das óperas e balés a elaborarem suas criações usando os materiais que aqui se encontravam, ressignificando escadas, chapas, paredes, dando novo uso a madeiras, metais, tecidos e objetos. Dentre os diferentes resultados desse chamado, destacamos o trabalho desbravador das cenógrafas Simone Mina, em *O Guarani* e *O Amor das Três Laranjas* — que o público terá nova oportunidade de conferir na abertura da temporada de 2026 — e Desirée Bastos, na remontagem de *O Cavaleiro da Rosa*. Seguimos com o propósito e o desafio de nos transformarmos, cada vez mais, em um Theatro sustentável, propulsor das boas práticas relacionadas aos cuidados com o meio ambiente, provocando mentes criativas a desenvolver projetos inventivos, dando a oportunidade a antigas peças de voltarem à cena. Assim, à medida que restos e vestígios são reorganizados e dispostos, o reuso tende a se tornar mais natural e a alimentar tanto a cena quanto os bastidores e a Central Técnica, em um processo artístico circular e orgânico.

A engrenagem do espaço vem sendo lubrificada com o uso — máquinas em funcionamento marcando o ritmo, artistas e técnicos criando e desenvolvendo projetos, restauradores, conservadores, tintureiras e tintureiros. A chegada de dois poetas do espaço, Ricardo Muniz

Fernandes e Julio Cesarini, somou forças, propôs curadorias e trouxe novos significados para os materiais desvelados; fez com que coisas se transformassem em histórias. Começaram a tecer narrativas, a criar conexões entre tempos, movimentos, formas e texturas. Deram início a exposições temporárias inauditas, à criação de ambientes propícios ao criar processual, ao divagar; abriram alas para acolher performances itinerantes.

Uma vez o espaço acontecendo, chegou o momento de a equipe do Núcleo de Educação criar as interfaces para compartilhar os fazeres da Central com o público. Foi assim que, a partir do primeiro semestre de 2025, sob a coordenação de Adriane Bertini, expandimos as visitas que ocorrem no Theatro para a Central, com agendamentos pelo site. Demos também início a projetos de residências artísticas, como os ateliês abertos do Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC) — a partir de um processo de diálogo com escolas e espaços de acolhimento da região do Canindé, ativando os galpões da Central como lugar de troca, escuta e invenção coletiva — e o projeto Pequenas Óperas, no qual os participantes mergulham nas técnicas de cenografia, figurinos e iluminação, enquanto recriam, em escala reduzida, cenas de óperas clássicas como *Carmen* e *A Flauta Mágica*. Tais iniciativas, além de atenderem ao público espontâneo, têm sido fundamentais para nos comunicarmos com o entorno, abrindo assim uma nova perspectiva de espaço cultural para a região.

As trocas entre profissionais da casa e convidados, entre bolsistas, estagiários, alunos, artistas em residência e o público que tem frequentado a Central — visitantes espontâneos, grupos de alunos de diferentes lugares, pessoas do entorno e interessados em geral — fazem com que o espaço vá ganhando forma e conteúdo. Ao mesmo tempo em que as pessoas vão, portanto, moldando o espaço, o espaço vai, por sua vez, moldando as pessoas. Essa dinâmica cria um ambiente que amplia o sentido da cena, do que acontece no palco. Desse modo, o sentido de sustentabilidade e de produção circular se expande também para os conteúdos artísticos.

É nesse contexto que a ópera *O Afiador de Facas*, com música de Piero Schlochau e libreto seu e de Beatriz Porto, obra vencedora do primeiro Concurso de Composição de Ópera do Fórum de Ópera, Dança e Música de Concerto, ganha vida. Em uma produção inédita do Theatro Municipal,

o delicado tema da memória não poderia estar melhor acolhido do que em um dos galpões da Central Técnica. A cenografia foi especialmente criada por Renato Bolelli, inteiramente feita com materiais reutilizados, em um cuidadoso trabalho de escavação, descobertas e ressignificação de objetos, realizado em conjunto com Julio Cesarini. A direção cênica de Fernanda Vianna e a iluminação de Aline Santini, com a interpretação musical a cargo da Orquestra Experimental de Repertório, sob a regência de Leonardo Labrada, juntamente com os solistas convidados, são responsáveis pela delicada e cuidadosa interpretação da obra.

A produção de *O Afiador de Facas* reafirma o compromisso do Theatro Municipal com a criação contemporânea e com o fomento a novas vozes da ópera nacional, e faz parte de uma iniciativa ousada e instigante: a série Ópera Fora da Caixa, que promovemos desde 2022, propondo tirar a ópera de seu espaço tradicional — a sala de espetáculos — e levá-la a diferentes ambientes. O nome do projeto faz referência não só ao deslocamento físico da ópera para fora da caixa cênica, mas também à abertura para novas linguagens, formatos e repertórios. Nessa proposta, já apresentamos obras de períodos e estilos variados, como *De Hoje para Amanhã*, de Arnold Schoenberg, encenada na Cúpula do Theatro; *Blue Monday* e *Afluentes*, de George Gershwin, com sua atmosfera jazzística transposta ao Salão Nobre do Theatro; e a barroca *Actéon*, de Marc-Antoine Charpentier, apresentada na Sala do Conservatório.

Esperamos que vocês desfrutem da ópera, da montagem, da Central Técnica. Que voltem em outras ocasiões e queiram contar por aí que existe um lugar de construção de sonhos, de encantamentos e de vivência de belas experiências no Canindé. Esse lugar é de e para todos nós. Sejam bem-vindas e bem-vindos!

Andrea Caruso Saturnino
superintendente geral
do Complexo Theatro
Municipal de São Paulo

Alessandra Costa
diretora executiva
da Sustenidos

The image features a dark, heavily textured background, possibly a piece of aged paper or a dark fabric. Overlaid on this background are several thick, white, hand-drawn lines. These lines are abstract and fluid, with some crossing each other. One prominent line forms a large, irregular loop that encircles the text. Other lines are more fragmented and intersect the main loop.

PARA NÃO
ESQUECER

O Afiador de Facas é uma ópera sobre memória e, por consequência, esquecimento. É sobre o luto e os rituais que todos compartilhamos de maneira escondida, isolada e paralela, nossa versão pós-moderna dos ritos funerários que iniciam antes mesmo da morte em si. É sobre o pesadelo burocrático da papelada dos hospitais, cemitérios, testamentos, certidões. É sobre sentir o paradoxo de olhar o mundo, e o mundo insistir em continuar.

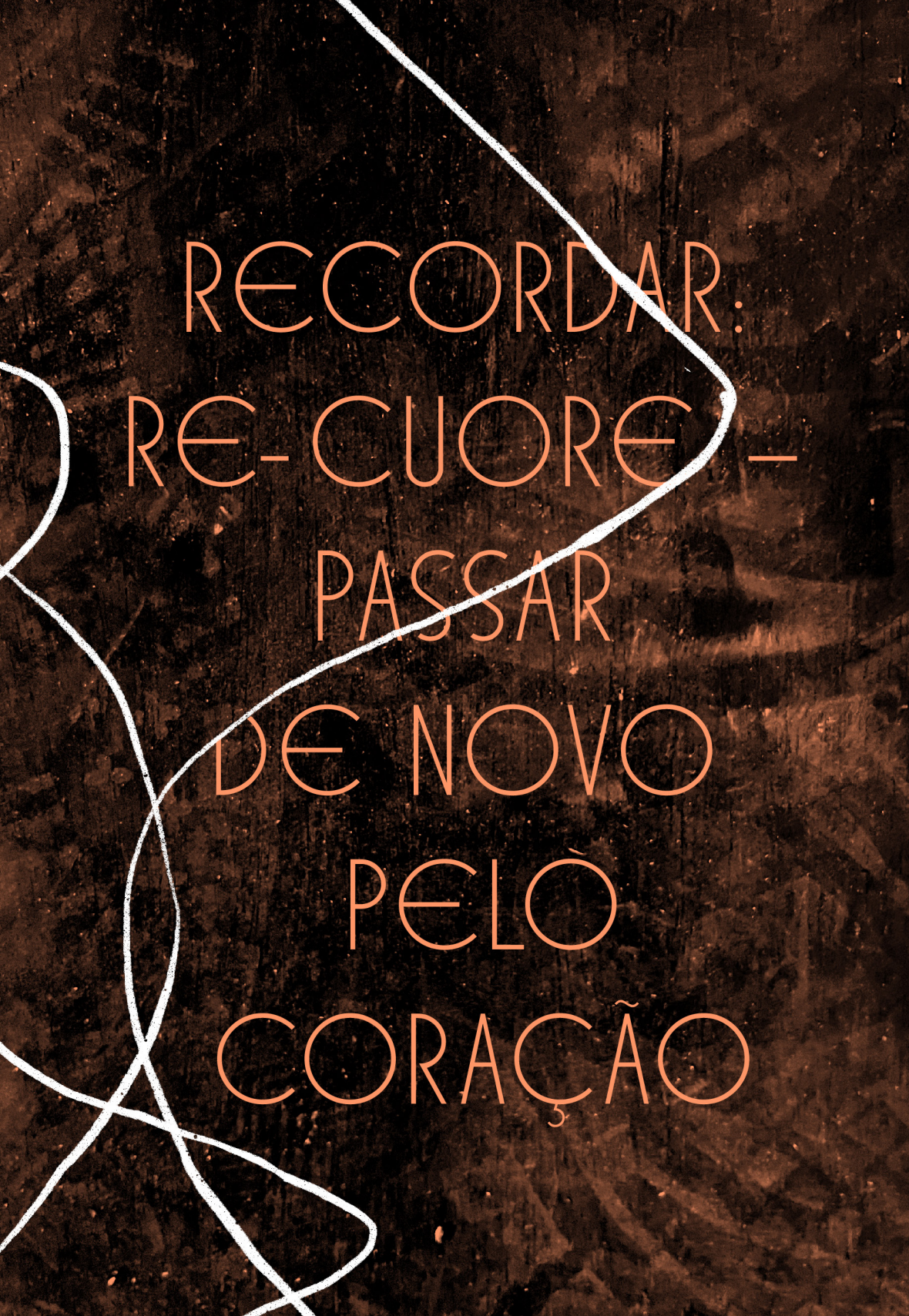
A inspiração do libreto veio de acompanhar de perto o Alzheimer e a eventual morte do meu vô, para quem dedico esta peça. Procurei no texto, com o olhar indispensável da Beatriz Porto, retratar instantâneos desse processo inteiro. A estrutura do libreto é não linear: as memórias se misturam, passado e presente se confundem, repetem-se e se alteram, organizando-se não só como o cérebro de alguém com Alzheimer, mas também como o dos que acompanham, cansados das noites em claro, consultas infundáveis e conversas circulares. As memórias se deterioram, a orquestração fica esparsa e a trama do esquecimento preenche a sala. O esquecimento em vida, a perda da identidade e o desespero da família no lembrar: se a pessoa não se lembra mais de nada, ela ainda existe? Quanto da identidade vem da memória? Quem serão os guardiões dessas memórias, que se empoeiram e têm vida útil, quando a pessoa se for?

Em paralelo a esse esquecimento individual, vem a figura do Afiador de Facas, narrador e leitor de rubricas, representando o esquecimento social. O esquecimento do amolador, figura centenária, mas que *ainda* está presente na América Latina. Por ora. Quando foi a última vez que ouviu o som característico do apito do afiador passando pelo bairro? E, ao ouvir, quantos de nós lembramos o que o som anuncia? Quando fui conversar com Aparecido Lima Farias, um amolador que trabalha na região da Lapa, ele me disse que é a última geração de uma longa linhagem de amoladores. Seu filho não pretende seguir seu caminho. Quando fui pedir para comprar mais apitos para analisar os sons disponíveis e repropositá-los pro material musical, ele me contou que a fábrica que os produzia fechou.

Pensar em música na ópera é muito diferente de pensar em música num contexto sinfônico. Aqui, a música serve ao texto, e qualquer nota ou compasso que não esteja a serviço do espetáculo é supérflua e pede que seja "passada a faca". O exercício (doloroso!) de síntese é essencial para que toda história, e talvez esta em particular, seja contada: assim, as repetições das cenas, que são alteradas dependendo do ponto de vista das personagens, ficam evidentes. A orquestração e o material musical vão se desfazendo, e sobram apenas fragmentos incompletos do que já foi um dia.

Seguimos esquecendo continuamente. Mas, por ora, a fábrica ainda não fechou. Vivemos e lembramos. Bom espetáculo!

Piero Schlochau
codireção cênica
e composição

The background is a dark, textured surface, possibly wood or stone, with a mottled brown and black appearance. Overlaid on this are several thin, white, hand-drawn lines that crisscross the frame. The text is centered and written in a light orange or terracotta color, using a tall, thin, sans-serif typeface. The text is arranged in six lines, with the first line being the longest and the last line being the shortest. The lines of the text are slightly irregular, giving it a hand-painted or stencil-like feel.

RECORDAR:
RE-CUORE —
PASSAR
DE NOVO
PELO
CORACÃO

A ópera *O Afiador de Facas* é resultado de um projeto fascinante chamado Theatro Municipal de São Paulo. Em 2023, convidada para dirigir a ópera *Blue Monday* com o Coral Paulistano, conheci o talentoso compositor Piero Schlochau, na época, assistente de direção daquele espetáculo. É ele o autor, ao lado de Beatriz Porto, deste libreto de uma riqueza dramática e musical belíssima.

Trata-se da história de uma família assustada e fragilizada perante a perda gradativa da memória do pai, representado aqui por uma profissão que também está desaparecendo, e o luto vivido por eles. Fala também das lembranças, recordações e emoções que nos moldam, constroem e transformam. E dos afetos e encontros que nos sustentam e norteiam, nesta trança maravilhosa e enigmática de fios chamada vida.

Nenhum lugar poderia ser mais adequado e apaixonante para este espetáculo do que a Central Técnica de Produções Chico Giacchieri, um extraordinário projeto repleto de memória e que, agora, está sendo reciclado, ressignificado e inserido na comunidade paulistana.

E, *para não esquecer*, deixo aqui meu afeto, minha admiração e todo meu respeito a cada um e cada uma, cada artesão desta equipe extraordinária e incansavelmente dedicada, que tornou possível a realização do nosso *O Afiador de Facas*.

Fernanda Vianna
direção cênica

A MEMÓRIA
COMO
UMA FACA
CEGA;
A ÓPERA COMO
POÉTICA DO
ESQUECIMENTO

A relação entre som, tempo e memória fundamenta de maneira crucial não apenas aquilo que chamamos de música: em última instância, trata-se uma relação que estrutura nossas próprias existências e se expande para todo o tecido social. Não é à toa que, na Grécia antiga – o “berço da civilização ocidental” –, a essa relação foi atribuída uma origem divina. O vocábulo “música” deriva de “musas”, as filhas do casamento entre Zeus e Mnemósine, a deusa da memória. Cada uma das nove musas estabelece um vínculo com algum tipo de atividade, campo do conhecimento ou arte, justamente as “musas inspiradoras” que tão comumente se fala no dia a dia (ainda que com outro sentido).

Coube à musa Melpômene ser a guardiã da poesia dramática trágica, em um contexto em que todo o teatro era entendido como uma grande declamação poética e, por sua vez, toda poesia era entendida como algo ao mesmo tempo textual e musical, e, desta maneira, onde recairia toda a origem moderna do que hoje entendemos por ópera.

Toda ópera canta, encanta e nos conta uma história, que se assenta em nossas almas de forma especialmente profunda a partir das ranhuras esculpidas pela música. Em estátuas e pinturas, Melpômene é comumente representada portando uma faca, cujo gume crava em nossa mente a narrativa dos fatos e os afetos das personagens.

O que então aconteceria se esta faca perdesse o fio? Que tipo de mensagem se firmaria em nossas almas se a musa e sua lâmina titubeassem? É essa experiência singular e lindamente desafiadora que nos é proporcionada pela ópera *O Afiador de Facas*.

Elaborado ao longo do ano de 2021, em razão do concurso de composição de ópera promovido pelo Fórum ODM (do qual foi vencedor), o título tem seu libreto assinado por Beatriz Porto e Piero Schlochauer, que também é o autor da parte musical. Realizados quando ambos tinham apenas 24-25 anos de idade, texto e música estão longe do estereótipo “obra de juventude”: além de ousada em sua proposição, nos defrontamos com escolhas artísticas inspiradas e maduras.

Dividida em duas partes sem interrupção (respectivamente, *Vem Ai Chuva* e *A Chuva Já Foi*), a ópera traz ao palco quatro personagens: A Filha, A Mãe, O Filho e O Afiador de Facas. Desenha-se, desta forma, uma narrativa familiar, cujo foco é o personagem-título. Ao não ser identificado como um pai ou um marido, mas sim com um homem-profissão, a ópera propõe seu verdadeiro argumento: quem é esse homem? Como ele se encaixa nesse núcleo familiar? Como se define um homem-profissão de uma atividade laboral que está desaparecendo, caindo na amnésia social? Como ele se define, em vista do quadro patológico desencadeado pelo mal de Alzheimer? Como essa família passa a defini-lo na medida em que esse homem definha e redefine a memória daqueles que o cercam?

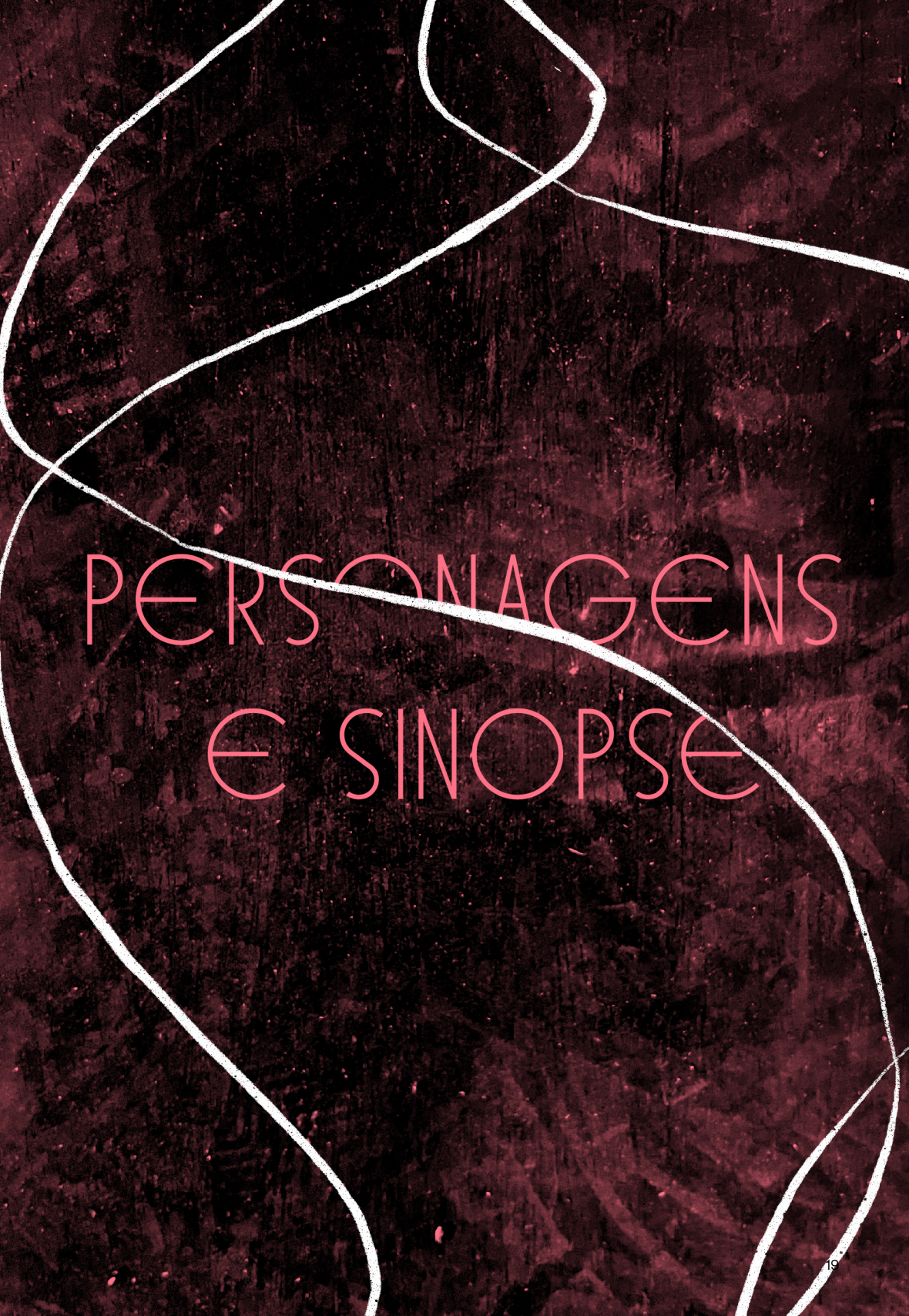
Tal como um ser mitológico, o afiador de facas é sonoramente associado pela ágil melodia ascendente e descendente de uma singela flauta de plástico, uma espécie de deus Pã pós-moderno, que por muito tempo vagou pelas ruas das cidades brasileiras. O som da flauta lembra aqueles que já a ouviram, ao mesmo tempo que cria memória simbólica para as novas gerações. O silvo característico da flauta de amolador é repetido ao longo da ópera, assim como várias melodias e situações teatrais. Em um contexto comum, repetição é a principal estratégia de memorização de uma pessoa. Mas, aqui, o gume da faca está cego, não corta, e a repetição nos leva a becos sem saída, ao *déjà-vu* de coisas nunca vistas ou vividas. Ou isto ocorre apenas porque também nós, espectadores, nos esquecemos do que já assistimos?

Ao final do espetáculo, é até possível resumir tudo o que passou em uma narrativa linear relativamente direta.

Leonardo Martinelli

compositor, doutor pelo
Instituto de Artes da
Universidade Estadual
Paulista Júlio de Mesquita
Filho (Unesp) e professor
da Faculdade Santa
Marcelina

No entanto, em sua dimensão operística, *O Afiador de Facas* mantém diversos níveis de leituras, compreensões e incompreensões, fruto da inventividade de um dos mais talentosos artistas de ópera e música de concerto do país, que, com esta obra, nos brinda com uma das mais importantes contribuições para a cultura artística brasileira dos últimos tempos.



PERSONAGENS E SINOPSE

O Afiador de Facas

Ópera de Piero Schlochauer

Libreto de Piero Schlochauer e Beatriz Porto

Estreada em 17 de agosto de 2024 no Teatro Minaz,
Ribeirão Preto, São Paulo.

Obra vencedora do primeiro concurso de composição de ópera
do Fórum de Ópera, Dança e Música de Concerto (2022).

Personagens

A Filha soprano dramático ou mezzo soprano

A Mãe mezzo soprano

O Filho barítono

O Afiador de Facas baixo

Sinopse

Acompanhamos uma família composta pela Filha (soprano dramática ou mezzo), Mãe (mezzo soprano) e Filho (barítono) no processo de luto pela morte do pai. As evidências de uma doença como o mal de Alzheimer no período final da vida do pai se sobrepõem ao conflito da família em preservar seu legado, que só existe através das memórias (imperfeitas) das personagens. As cenas se alternam entre trocas irritantemente burocráticas, confissões dolorosas e memórias agridoces. Estruturando a trama, vem a figura do Afiador de Facas (baixo que atua como narrador e leitor de rubricas), que simboliza, simultaneamente, a personagem do pai e a ideia de um signo que desaparece do imaginário coletivo. O som da flauta do afiador ainda faz parte do nosso repertório popular urbano, mas seu significado vai se turvando e torna-se irreconhecível. O signo desaparece e deixa apenas o som.



O AFIADOR DE FACAS

libreto de
Piero Schlochauer
e Beatriz Porto

Parte I – Vem Aí Chuva

1. Abertura e o primeiro amanhecer

A luz quente e avermelhada do sol da manhã entra pela sala de estar da família. É uma sala pequena, que poderia ser aconchegante, mas algo impede que seja. Vemos o filtro de barro, as louças cor de âmbar, os panos de prato com flores no fogão. Uma toalha xadrez na mesa, com uma camada plástica protetora por cima. Um relógio manco de pêndulo, rouco. No centro do palco, um grande tear repleto de padrões e figuras. Os três em silêncio ao redor da mesa: Mãe, Filho e Filha. A Mãe desfaz gentilmente o tear.

O Filho Que horas são?

A Filha *(levantando-se e colocando a água para ferver)*
Nem sei mais. O Sol já tá nascendo.

O Filho E agora?

A Filha Eu tenho que ir pro trabalho, não posso continuar faltando...

O Filho Eu sei. O médico disse que passa lá depois do almoço, vou te avisando.

Pausa. A chaleira. A Filha se levanta e atravessa a sala, e passa um café para os três, em silêncio. O Filho agradece com um gesto. Parece que vai dizer algo, mas não diz nada. Engole o café e sai.

A Filha Como você tá?

A Mãe dá de ombros. Ouvimos a flauta do Afiador de Facas. A Mãe corre até a janela como uma criança, subitamente feliz. Endireita-se e ajeita o cabelo, tirando o pó do avental. Confere seu reflexo no fogão, tira o avental e sai pela porta da frente. Todo esse momento é como uma pintura: a imagem da Mãe na janela, a Filha ao seu lado e o Afiador de Facas ao longe. A Filha ri.

2. Ária da Filha I

À parte, o Afiador de Facas canta.

O Afiador de Facas A filha sentada no meio da sala, olhando a janela. Esperando, não sabemos o quê. Nada é claro, apenas a luz que goteja, pegajosa e quente, iluminando o rosto da garota. Ela acaricia as figuras do tapete. As rosas, os peixes.

A Filha Eu me lembro. Lembro de esperar todos os dias. Sentar na frente da vitrola, trançando as rebarbas do tapete, da mamãe

contando histórias pras estampas. Um ouvido na música, outro no som da minha própria voz, e ainda um terceiro esperando o aviso. O aviso do pássaro que anunciaria “Vem aí chuva!”. Meu pai! E então ele chegava. Guardava suas coisas, com carinho, seus mil cacarecos e quinquilharias. Ia até a vitrola e colocava um de seus discos velhos.

Um quinteto toca a abertura de Simon Boccanegra.

A Filha Ah, paizinho... Ópera de novo? É tão chato... ficam cantando o tempo todo! Custa falar que nem gente normal?! E ele sorria, cansado. Sentava no tapete e contava histórias. Ia inventando traduções:

Canta a sua versão de Orfanella il Tetto Umile, ilustrando com as estampas do tapete, achando graça.

A Filha “Em um reino distante havia um rei e ele não comia pão e então disse: ‘Digam pros cozinheiros fazerem um macarrão para mim e pra minha filha’.”

3. Não gosto l

Um corte brusco.

O Filho *(frio)* Não gosto que você fale assim.

A Filha E você não pensa isso?

O Filho Mas eu não falo. Não tá certo.

A Filha Covarde.

A Mãe Parem com isso.

4. O telefonema

Ao som das palavras da Mãe, outro corte súbito. Filha e Filho, atordoados com pilhas de papéis, como se nada tivesse acontecido. O Filho ao telefone, andando de um lado para o outro.

O Filho *(ao telefone, tentando conter a frustração)* Eu sei que não é sua culpa, mas você tem que entender que eu tou há quase duas horas no telefone e já fui transferido nem-sei-mais-quantas vezes. Hum. Sim. Eu já falei com o departamento financeiro, e eles me disseram pra... Sim, tenho certeza. Sim. Hum. Não. Pelo amor d... Zero-zero-quatro-nove-trê... Ah, achou? Eu já passei o número do protocolo...

A Filha Fala que o médico já enviou a certidão.

O Filho ...o médico já enviou a certidão de óbito, agora só falta vocês me mandarem a confirmação. Isso. O atestado. Tem diferença? Claro que tem. Foi. Pro setor administrativo.

A Filha Não foi pra secretaria?

O Filho *(tapando o telefone com a mão)* Não, isso foi só quando... Sim, sim! Continuo aqui, tava só falando com a minha irm... Mas meu Deus do céu! Eles que me transferiram pra falar com você! Aliás, o número que está no site de vocês é d e uma churrascaria. Espero que vocês não sejam parceiros. Não, a questão é que... Alô? Alô?!

O Filho joga o celular no sofá e senta-se esfregando o rosto.

A Filha Caiu?

O Filho Caiu.

A Filha Credo, parece que pra morrer precisa de permissão.

Pausa.

O Filho Como tá a mamãe?

A Filha *(dá de ombros)* Como é de se esperar. Não acho que a ficha caiu ainda.

O Filho Acho que pra nenhum de nós. Ele ia odiar isso.

A Filha *(imitando o pai, engrossando a voz)* Isso com certeza é lavagem de dinheiro, só não vê quem não quer.

Os dois dão um sorriso hesitante.

5. Não gosto II

Um corte brusco.

O Filho Não gosto que você fale assim.

A Filha E você não pensa isso?

O Filho Mas eu não falo. Tá errado.

A Filha Covarde.

A Mãe Parem com isso!

6. O Flamengo e o Natal

Mãe e Filho no hospital, como se a cena anterior não tivesse acontecido.

O Filho *(achando graça)* Papai tentou convencer o enfermeiro que o Flamengo é campeão. E que eu que tinha marcado o gol da vitória!

A Mãe E foi você?

O Filho Quem dera!

A Mãe Ele tá comendo bem?

O Filho Mãe, de todas as coisas pra senhora se preocupar, o apetite não é uma delas. O homem come que nem um boi! Só sente falta do sorvete depois.

A Mãe Como que a gente vai fazer no Natal?

O Filho Ainda faltam 21 dias... Vamos ver conforme for passando.

A Mãe Você respondeu a mesma coisa quando falamos 30 dias, 45, dois meses. De que adianta não falar a respeito? É covarde e indigno.

*A Mãe sai, deixando o Filho sozinho na sala de espera.
Ele sai em seguida.*

7. Me conta da sua vida I

A Filha sentada e pensativa.

A Filha Pai, me conta da sua vida?

Pausa.

A Filha Não sei direito. Acho que queria saber como foi viver.

Pausa.

A Filha Eu não queria que nada se perdesse.

8. Eu quero

O Afiador de Facas No hospital. Os três em silêncio, sentados no chão. A Mãe e o Filho têm o rosto escondido, deitados nos próprios braços. Tudo está escuro.

O Filho se levanta e se aproxima da Filha.

O Filho Ele te machucou?

A Filha olha para as próprias mãos, chorando em silêncio. Pausa.

O Filho Eu tive que segurar ele. A mamãe gritou com as enfermeiras, não deixava elas chegarem perto, ele continuou se debatendo e eu segurei ele com força. Se você visse o jeito que ele me olhou... *(respira fundo)* Hoje de manhã os braços dele tavam roxos.

A Filha Eu quero que acabe.

O Filho *(olhando para ela)* O quê?

A Filha Não é justo assim. Não era assim que ele gostaria.

A Mãe E qual é a alternativa?

A Filha Se eu pudesse fazer com que tudo isso acabasse, eu faria. Eu daria... eu daria um braço, uma perna, minha paz de espírito pra que tudo isso acabasse logo.

Pausa.

A Filha Eu quero que ele morra.

A sensação é como se a sala encolhesse, segurasse a respiração em antecipação à reação.

O Filho Não gosto que você fale isso.

A Filha E você não pensa isso?

O Filho Mas eu não falo. Não tá certo.

A Filha Covarde.

A Mãe Parem com isso.

Esperamos o corte de sempre. Ele não vem.

O Filho Que que você acha disso tudo?

A Mãe A essa altura, importa o que eu penso? Seu pai tá do jeito que tá e não tem nada que a gente possa fazer. Eu não sei se eu tenho coragem também. No fim, eu também sou covarde. No fim, talvez ele já tenha morrido.

O Filho Não completamente...

A Filha Não completamente.

O Filho Como vai ser o Natal?

A Mãe Não vai.

Parte II – A Chuva Já Foi

9. O segundo amanhecer

O Afiador de Facas vai caminhando pela rua pouco iluminada, levando a bicicleta pelas mãos. Ele acena aos poucos e a cidade vai se acendendo, como se ele fosse o responsável pelo seu despertar. Ouvimos o barulho das rodas nos paralelepípedos e o chacoalhar das ferramentas nas caixas. É a cena do começo, pelo ponto de vista do Afiador de Facas.

Transeuntes Vem aí chuva!

O mesmo momento, mas outra pintura. A imagem da Mãe na janela e o Afiador de Facas, agora perto. A Filha não aparece.

O Afiador de Facas Eu passava nessa rua todas as manhãs. Caminhava pelos paralelepípedos, com o Sol nascendo nas minhas costas, e eu esperava ela aparecer. Não demorava muito. Ela trazia facas, tesouras. A maioria nem tinha perdido o corte ainda. Teve uma vez que ela até trouxe uma sombrinha pra eu “dar um jeito”, embora a gente nem faça mais isso.

A Mãe O senhor pode dar um jeito nessa sombrinha?

O Afiador de Facas Claro que posso! O que acontece?

A Mãe Não faz mais sombra nem protege da chuva.

O Afiador de Facas É pra já! *(para a plateia)* E arrumei! Tomei coragem e perguntei: *(para ela)* Por que que a senhora traz todo dia uma faca pra eu afiar?

A Mãe Pra te ver.

A Mãe corre de volta para casa.

10. Ária da Filha II

O Afiador de Facas A Filha sentada no canto da sala, olhando a janela. Esperando, sabemos o quê. Nada é claro, apenas a luz que espia, fria e indiferente, o rosto da garota, perdida em memórias. Ela acaricia as figuras do tapete, os padrões irreconhecíveis.

O Afiador de Facas sai.

A Filha Eu me lembro. Lembro de esperar todos os dias. Lembro de sentar na beira da escada, ouvindo a conversa deles do lado de fora. Eu queria tanto ouvir mais de perto.

O Afiador de Facas *(na coxia)* ...e aí eu posso te mostrar o caminho que eu faço.

O Filho *(na coxia)* Esquece pai, não tenho vontade de seguir teu caminho. Ninguém se importa.

A Filha O uivo! O uivo do vento que prenunciaria "Vem aí chuva!".
Meu pai.

11. Ária da Mãe

A Mãe entra em cena, devagar. Não olha a plateia. Começa a desfazer o tear, que já está pela metade.

A Mãe Ele chegava do trabalho, cansado, às 7 da noite. Contava, inspirado, as histórias na tapeçaria. Eu imaginava, entre versos, a história que poderia ser nossa. A gente se amava, em silêncio, na madrugada tímida. O despertar, preguiçoso, vinha às 6 da manhã. Ele fazia a barba, com prática, às 6h15. A gente tomava, sonâmbulos, o café às 7 em ponto. Ele trabalhava, com amor, das 8 às 6. Eu criava, com firmeza, sempre que dava. Eu esperava, ansiosa, no fim da tarde. Ele chegava do trabalho, ansioso, às 7 da noite. Contava, em silêncio, tapeçarias. Eu imaginava, com amor, as histórias não ditas. A gente se amava, com prática, sempre que dava. O despertar, sonâmbulo, vinha na madrugada viúva. Ele fazia a barba, tímido, quando lembrava. A gente tomava, em silêncio, o café às 7 e meia. Ele trabalhava, sonâmbulo, sempre ansioso. Eu criava, entre versos, a história que poderia ser nossa. Eu esperava, cansada, o café do dia seguinte. Ele chegava do café, de súbito, no fim da tarde. Contava, em pânico, as memórias na tapeçaria. A gente se amava, tímidos, quando lembrava. O despertar, áspero, na madrugada em silêncio. Ele fazia a barba, sonâmbulo, às 6 da manhã. A gente tomava, cansados, o café amargo. Eu criava, lúcida, às 6 da manhã. Eu esperava, viúva, ele chegar do trabalho.

12. Uma explosão

O Afiador de Facas *(na coxia, berrando)* Não! Não vou! Me tira daqui.
Vão tomar no cu! Eu não conheço vocês, eu nunca vim aqui.

O Filho *(na coxia)* Pai, por favor...

13. Me conta da sua vida II

A Filha sentada e pensativa.

A Filha Pai, me conta da sua vida?

O Afiador de Facas O que você quer saber?

A Filha Não sei direito. Acho que queria saber como foi viver.

O Afiador de Facas Por que você tá perguntando?

A Filha Eu não queria que nada se perdesse.

14. O xadrez

O Filho sentado no palco, um tabuleiro de xadrez. O Afiador de Facas é seu adversário. O Filho movimenta as peças para os dois.

A Filha Vamos comer, pai?

O Filho Eu já insisti mil vezes, ele se recusa a comer.

Pausa.

A Filha Você tá irritado?

O Filho dá de ombros.

O Filho (para o Afiador de Facas) Isso, é sua vez agora. Já joguei.

Jogam.

O Filho Filho da... (ri consigo mesmo) Isso você lembra, né?
Vamos almoçar?

O Filho se levanta e ajuda a Filha a dar a comida para o Afiador de Facas.

O Filho Pode comer! Não gostou, pai?

O Afiador de Facas Não entendi.

O Filho Como assim? É de comer. Pode comer, tá gostoso.
A mãe que fez.

O Afiador de Facas É minha vez?

Pausa.

O Filho Como assim?

O Filho tenta comer, mas o Afiador de Facas dá um tapa na mão dele.

O Afiador de Facas Espera minha vez! *(empurra um pedaço da comida com o garfo)*
Xeque.

15. Quarteto

O Filho empurra sua própria comida, observando a reação do Afiador de Facas. Seguem nesse jogo, alternando as garfadas.

O Filho Lembra quando a gente ia na praça, pai? Jogava xadrez nas mesinhas de pedra. Lembra de comer churros, espantar pombas, pai? Eu perdia do senhor. Lembra, pai? Eu não tinha raiva. Lembra de me levar pra rua, pai? De afiar facas, pai? Lembra da fábrica fechar, pai? De não apitar mais, pai? De insistir, pai? Eu cresci tanto, pai. Você não lembra de ter raiva? Só eu tenho raiva, pai?

A Filha Lembra quando você voltava do serviço, pai? Lembra quando você contava histórias, pai? Você não lembra? Lembra dos tapetes? De quantas histórias cabiam? De Verdi, Puccini, Janáček? Eu conto histórias agora, pai. Você ia gostar das minhas histórias, pai. Eu cresci tanto, pai!

A Mãe Lembra quando a gente se conheceu, meu bem? Lembra das sombrinhas? Lembra, bem? Dos cafés da manhã, de me encontrar te esperando? Das madrugadas tímidas. Diz pra mim que lembra, meu bem. Lembra dos momentos roubados na cidade? Dos encontros, dos segredos? Lembra dos seus filhos, bem? Você não lembra da tua mulher, meu bem?

O Afiador de Facas A filha sentada, na frente da sala. No canto da porta. Por que que a senhora? Por que que a senhora traz todo dia uma faca pra eu afiar? O que você quer saber? Eu não me lembro de... não me lembro de... não me lembro de mais nada. Eu passava nessa rua todas as manhãs. Se essa rua fosse minha, paralelepípedos nasceriam nas minhas costas. O corte de Ourense que não cega, o carpinteiro de Luintra que não se acha, o Afiador de ontem que não se lembra. No tapete não há mais fábricas.

16. Ele é tudo isso

A Filha *(quase que para si mesma)* É diferente do que a gente imagina, né? A gente fica pensando, lembrando. E, quando vê, fica lembrando de ter lembrado e as memórias se misturam. A gente nem sabe o que é o quê. Sobra a saudade.

O Filho Mas el...

- A Filha** Eu sei. Eu sei que ele tá aqui. Mas não sempre. Tem vezes que o olhar dele tá tão longe... Ai, do nada, ele aparece. Faz uma visitinha. Os olhos azuis vidrados nos meus, a boca cerrada, muda. Branca, de apertar com tanta força. Tem momentos que eu olho pra ele e vejo tudo, sinto tudo, todas as memórias. Os passeios, as broncas. Aquele quartinho no fundo da casa cheio de cacarecos, quase explodindo. E as histórias que contava.
- O Filho** Eu lembro que ele fingia que fazia a barba comigo. Nós dois com espuma na cara, eu montado num banquinho. *(pausa)* Fazer a barba dele agora é minha parte preferida.

17. Ária da Filha III

O Filho sai, deixando a Filha sozinha no palco. Tudo é cru. O cenário é desfeito junto com as memórias.

- O Afiador de Facas** A Filha de pé na boca do palco, desviando o olhar da coxia. Não espera mais nada. Tudo é claro, brilhante. O holofote rasga, atrapalha, ofusca, escurecendo o rosto da garota. No tapete não há mais nada.
- A Filha** Agora eu espero todos os dias. Sento na frente da plateia, ouvindo ecos secos, os ruídos da Central Técnica. Os sussurros dos contrarregras, as maquiagens demaquiladas, a palheta cansada do oboé. O pássaro que canta e o vento que geme. O lamento do apito do afiador que avisa: "A chuva já foi!"

18. O esquecimento

A Mãe sentada em uma cadeira no palco, terminando de desfazer o tear. Todo o resto do cenário não está mais lá. Os montadores descarregaram tudo e estão esperando o espetáculo acabar para mandar tudo para o acervo.

Um montador se aproxima da Mãe e gesticula para a cadeira. Ela se levanta, e ele pega a cadeira e leva embora. A Mãe e o tear permanecem.

- A Mãe** Obrigada.

Ela canta sozinha e a cena do início da primeira e segunda partes se pinta novamente. Mas agora o Afiador de Facas não está. Ele olha a Mãe intensamente, e o texto que foi cantado da primeira vez é projetado no painel das legendas do teatro, em um telão ou algo parecido, e as frases equivalentes são "cantadas" pela trompa.

A Mãe Ele passava nessa rua todas as manhãs. Caminhava pelos paralelepípedos, com o sol da manhã nascendo nas suas costas. E eu tomava coragem pra descer. Não demorava muito. Eu levava facas, tesouras. A maioria nem tinha perdido o corte ainda. Teve uma vez que até levei uma sombrinha pra ele consertar, embora nem tivesse quebrada.

A Mãe O senhor pode dar um jeito nessa sombrinha?

O Afiador de Facas [Claro que posso! O que acontece?]

A Mãe Não faz sombra e nem protege da chuva.

O Afiador de Facas [É pra já! E eu arrumei. Tomei coragem e perguntei: Por que que a senhora traz todo dia uma faca pra eu afiar?]

A Mãe Pra não esquecer.

*Ela termina de desfazer o tear. Sai. No palco, o tear desfeito, solitário.
Uma última flauta soa. O Sol se põe, escurecendo o teatro.*

FIM



CREDITOS



Andrea Caruso Saturnino

superintendente geral do Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, diretora e curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. Nomeada Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura da França em 2024, é membro da International Society for the Performing Arts (ISPA) e vice-presidente do Conselho Diretor da Ópera Latinoamericana (OLA).



Leonardo Labrada

direção musical

Regente assistente da Orquestra Experimental de Repertório (OER), Leonardo Labrada foi aluno da Academia de Regência da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), em 2023, e é doutorando em análise musical na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Foi maestro associado da Orquestra Filarmônica de Goiás (2019-2021) e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) desde 2014. É membro do ABSTRAI Ensemble, formado por professores universitários do Rio de Janeiro especialistas em música contemporânea. Em 2022 e 2023, foi diretor musical do Atelier de Composição Lírica do Theatro São Pedro, estreando seis novas óperas de jovens compositores. É regente convidado da Banda Jovem do Estado de São Paulo (de 2021 a 2024), da Camerata da Academia da Osesp e do Coro Acadêmico da Osesp, e regeu a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo no concerto final da Academia da Osesp. Foi regente assistente na estreia da ópera *Ritos de Perpassagem*, de Flo Menezes, no Theatro São Pedro, além de regente assistente na produção da double bill *Gianni Schicchi* (Puccini) / *Turandot* (Busoni) e de *Le Comte Ory* (Rossini) em 2024. Em 2025, estreará sua ópera *Oposicantos*. Como percussionista, participou da estreia de *Mikrophonie I* (Stockhausen) em 2024, além do primeiro *Concerto para Sixsen* e Orquestra da história, composto por Michelle Agnes para a Orquestra Filarmônica de Goiás em 2017, e ainda da estreia latino-americana de *Des Canyons aux Étoiles*, de Olivier Messiaen, em 2018.



Fernanda Vianna

direção cênica

Fernanda Vianna começou a carreira como bailarina em Belo Horizonte seguindo os passos de seu tio Klauss Vianna. Participou de importantes grupos de dança como Transforma e Primeiro Ato. É atriz do Grupo Galpão desde 1995, quando estreou no icônico *Romeu e Julieta*. No cinema, foi contemplada no Festival de Gramado com o Kikito de Melhor Atriz, sendo uma das poucas atrizes premiadas duplamente neste festival. Fundou com Rodolfo Vaz a Oitis Produções Culturais, produzindo espetáculos premiados como *Antes do Silêncio*, *O Capote* e os musicais *O Boi* e *o Burro no Caminho de Belém* e *Berenice e Soriano*, ambos sob sua direção. Dirigiu ainda *O Patinho Feio*, para o Ballet Jovem de MG, a opereta *Blue Monday* e *Afluentes*, para o Theatro Municipal de São Paulo, e o média-metragem *Partida de Vôlei à Sombra do Vulcão* com Clarissa Campolina.



Piero Schlochau

codireção cênica

Compositor e orchestrador premiado, Piero Schlochau (1997) cursou composição na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e Faculdade Santa Marcelina (Fasm). Na Bulgária, estudou sob a orientação de Derek Gleeson, Christopher Young e Christo Pavlov. Teve peças executadas por orquestras como Filarmônica de Varna, Sinfônica Municipal de São Paulo e a Filarmônica Amazonas. Em 2020, recebeu uma encomenda do Festival Amazonas de Ópera, e sua ópera *moto-contínuo* estreou em junho de 2021. Sua segunda ópera, *O Afiador de Facas*, foi a vencedora do concurso de composição de ópera do Fórum de Ópera, Dança e Música de Concerto e estreou em 2024. Fez também a orquestração de *Terra em Transe em Transe*, com a OSM e o Coro Lírico Municipal de São Paulo, projeto concebido por Nuno Ramos e Eduardo Climachauska. Trabalhou como assistente de direção para diretores como Pablo Maritano, Wouter van Looy, Fernanda Vianna e Hugo Possolo. Foi selecionado como um dos artistas para se acompanhar em 2023 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, e foi indicado ao prêmio Jovem Talento de 2022 pela revista *Concerto*



Equipe Criativa

Renato Bolelli Rebouças

cenografia

Arquiteto, cenógrafo, diretor de arte, figurinista e diretor em cenografia contemporânea, Renato Bolelli Rebouças é professor e pesquisador do Centro de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) sobre a criação cenográfica em espaços não convencionais e práticas cenográficas expandidas, com pesquisa sanduíche no Departamento de Estudos da Performance da New York University, em Nova York, sendo também artista residente do Instituto Hemisférico de Performance e Política (2018-1019). É integrante do Laboratório de Práticas Performativas da USP, onde desenvolveu a plataforma de pesquisa Cenografia Expandida a partir do Sul. Por seu trabalho, recebeu inúmeros prêmios e indicações: Prêmio Shell de Teatro (por *Arrufos*), em 2008; Manchester Theatre Awards de Melhor Espetáculo Jovem (por *The Shrine of Everyday Things*), em 2016; e indicação ao Prêmio APCA na categoria Melhor Espetáculo Operístico para *Grão da Voz*, em 2024. Colabora com grupos, companhias e artistas do teatro, performance, artes visuais, dança, ópera e cinema, entre eles o Grupo XIX de Teatro, Cia. do Latão, Frank Castorf (Volksbühne/Berlim), Hiroshi Koike (Japão) e Contact Theatre (Manchester/Reino Unido). Coordena cursos e workshops teórico-práticos sobre cenografia expandida, direção de arte, intervenção e ocupação espacial. Atuou em diversas instituições culturais e cursos de graduação e pós no país. Em 2023, realizou nas galerias da Funarte São Paulo a exposição *O Gabinete dos Desinteresses e Mediocridades: Réquiem para o Antropoceno*.



Aline Santini

design de luz

Graduada em artes visuais e pós-graduada em lighting design na Faculdade Belas Artes em 2016, Aline Santini estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 25 anos e realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, ópera, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições. Atua como performer, cria instalações visuais e realiza direção cênica de espetáculos das artes do palco. Em 2017, venceu o Prêmio Denilto Gomes com o a luz do espetáculo de dança *Shine*. Foi indicada duas vezes ao prêmio APCA de dança. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas a representar o Brasil na Quadrienal de Praga. Em 2024, conquistou o Prêmio Shell – pelo qual foi indicada sete vezes – na categoria Iluminação por *Mutações*. Atualmente, está indicada ao Prêmio Shell com o espetáculo *Perfeita!*, direção de Ulysses Cruz e dramaturgia de Samir Yazbek. Ministra oficinas de iluminação cênica em oficinas culturais, Sesc e SP Escola de Teatro. Participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, Croácia, Argentina, Bolívia, Irlanda, França e em Portugal.



Olintho Malaquias

figurino

Estilista e figurinista formado pelo SENAC, Olintho Malaquias complementou sua formação com cursos na Universidade de São Paulo (USP) e no Teatro Colón (Argentina). Em 2010 e 2011, venceu, na categoria Figurino, o Prêmio Carlos Gomes de Ópera e Música Erudita. Criou figurinos para diversas óperas, como *Così Fan Tutte*, de Mozart; *Dido e Eneias*, de Purcell; *Mefistófeles*, de Arrigo Boito; *Onheama*, de João Guilherme Ripper; *O Morcego*, de Johann Strauss; *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini; *Carmen*, de Bizet; *La Bohème* e *Gianni Schicchi*, de Puccini; *A Viúva Alegre*, de Lehár; *Don Pasquale*, de Donizetti; *Ópera Aberta*, de Gilberto Mendes; *Sansão e Dalila*, de Saint-Saëns; *Os Troianos*, de Berlioz; *Ça Ira*, de Roger Waters; *Ariadne auf Naxos*, de Richard Strauss; *O Matrimônio Secreto*, de Domenico Cimarosa; e *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk*, de Shostakovich. Colaborou com importantes diretores cênicos, como Emilio Sagi, Enzo Dara, William Pereira, Felipe Venâncio, Julianna Santos, Caetano Vilela, Livia Sabag, Mauro Wrona e Roberto Lage. Participou diversas vezes dos festivais do Theatro da Paz, em Belém, e do Theatro Amazonas, em Manaus. No teatro, foi figurinista residente do Teatro Oficina de Zé Celso Martinez Corrêa, onde criou figurinos para os espetáculos do projeto *Os Sertões*, tendo sido indicado ao Prêmio Shell por *A Terra* e *A Luta*.



Pollybr

visagismo

PollyBR é drag queen, arquiteta e caracterizadora cênica com atuação em visagismo, perucaria e figurino. Trabalha com teatro, performance e audiovisual, desenvolvendo soluções visuais a partir da construção de imagem e identidade. Assinou o visagismo de *Fausto* (direção de José Celso Martinez Corrêa, 2023) e de *Padre Pinto: a Narrativa (Re)inventada* (direção de Luiz Marfuz, 2025), ambos no Sesc Pompeia. Ao longo da carreira, integrou mais de 40 produções em ópera, teatro musical e televisão, colaborando com Malonna em montagens para o Theatro Municipal de São Paulo, o Theatro São Pedro e festivais nacionais.



Clarice Lima

preparação corporal

Coreógrafa, diretora, professora e dançarina, Clarice Lima vive e atua em São Paulo, onde desenvolve parcerias e estratégias criativas para produzir seus trabalhos de forma continuada. Sua formação inclui o Colégio de Dança do Ceará (2002-2008), o Folkwang Hochschule (2002-2003), a graduação no Departamento de Dança Moderna (MTD) da Amsterdam School of the Arts (2003-2008), o intensivo 50 Days Flying Low e Passing Through Costa Rica com David Zambrano (2010) e a residência artística Lote com Cristian Duarte (2011-2018). Entre seus trabalhos – que transitam entre as linguagens da dança, performance e artes visuais, entre o público infantil e adulto – podemos citar *Força Estranha* (2023), *Bosque* (2022) e *Bichos Solto*s (2019). A trajetória de Clarice é marcada por uma produção artística intensa, tendo sido contemplada com diversos prêmios e editais, participado dos principais festivais de dança contemporânea do Brasil e apresentado em países como Bélgica, Canadá, Chile, Eslovênia, Espanha, França, Grécia, Inglaterra, Lituânia, Portugal, República Checa, Suécia e Uruguai.



Solistas

Cecília Massa

A Filha

Formada em música pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Cecília Massa integrou o elenco estável do Theatro São Pedro sob a direção artística de Luiz Fernando Malheiro. Em 2016, foi integrante da Bachkantaten-Akademie, sob a direção de Helmuth Rilling. Mais tarde, estreou no Theatro Municipal de São Paulo com *Magnificat*, de J.S. Bach (2019), e em *Der Rosenkavalier* de R. Strauss (2022), ambas sob a direção musical de Roberto Minczuk. Em 2022, integrou a temporada da Sala Cecília Meireles, com *Alto Rhapsody*, de J. Brahms, com a Orquestra Sinfônica e o Coro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a direção artística de João Guilherme Ripper. No mesmo ano, fez parte da montagem de *A Noite de São João*, de Elias Álvares Lobo, um resgate histórico da primeira ópera brasileira em língua portuguesa, realizada em Tatuí, e também no 34º Festival de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, sob a direção musical de Emmanuele Baldini. Em seu repertório operístico destacam-se também papéis como Charlotte (*Werther*), de J. Massenet; Ottavia (*L'Incoronazione di Poppea*), de C. Monteverdi; Sara (*Roberto Devereaux*), de G. Donizetti; Angelina (*La Cenerentola*), de G. Rossini, e Hänsel (*Hänsel und Gretel*) de E. Humperdinck. Atualmente realiza um vasto repertório de óperas e concertos pelo Brasil.



Edineia Oliveira

A Mãe

Mezzo soprano mineira, Edineia Oliveira notabiliza-se por sua voz poderosa, técnica apurada e notáveis habilidades cênicas. A estreia como solista internacional ocorreu ao lado do Coro Ars Nova na cerimônia de abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Seul, interpretando a obra *Inhança*, de Carlos Alberto Pinto Fonseca, escrita e dedicada especificamente para sua voz. Ao longo de sua carreira, Edineia se destacou em papéis como Éboli em *Don Carlo* (Argentina), Carmen no papel-título (Rio de Janeiro), Amneris em *Aida* (Argentina), Azucena em *Il Trovatore* (México), Serena em *Porgy and Bess* (São Paulo), *Requiem* de Verdi (São Paulo e Argentina), Maddalena em *Rigoletto* (São Paulo), Die Hexe em *Hänsel und Gretel* (Paraná e Distrito Federal), Adalgisa em *Norma* (São Paulo e Argentina) e La Frugola/Zia Principessa/Zita em *Il Trittico* (Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná).

Com participações que foram absoluto sucesso de público e crítica, Edineia solidificou sua posição como uma das vozes brasileiras mais proeminentes nacional e internacionalmente. Com um amplo repertório lírico e sinfônico, atuou sob a regência de renomados maestros como Lorin Maazel, Eiji Oue, Ligia Amadio, Alessandro Sangiorgi, Gennady Rozhdestvensky e Isaac Karabtchevsky, interpretando obras como a *Nona Sinfonia* (Beethoven), *Oitava Sinfonia* (Mahler) e *Requiem* (Verdi). Além da atuação no palco, gravou três CDs de música colonial brasileira com o grupo Brasileência.



Julián Lisnichuk

O Filho

Barítono paraguaio radicado no Brasil desde 2017, formando pela Escola Municipal de Música de São Paulo (EMMSP), sob orientação da profa. Maria Lucia Waldow, e pela Academia de Ópera do Theatro São Pedro, Julián Lisnichuk atua ativamente nos palcos como solista e coralista, em óperas como *Mesdames de la Halle*, de Jacques Offenbach (Mme. Madou), *A Hand of Bridge*, de Samuel Barber (David), *Il Barbiere di Siviglia*, de G. Rossini (Bartolo) e *Il Barbiere di Siviglia*, de G. Paisiello (Bartolo), além de cantar em recitais de música de câmara, com foco no Lied e canção brasileira, e como coralista no Coral Jovem do Estado de São Paulo, Madrigal da EMMSP, Coral Paulistano, Coro Luther King, entre outros, trabalhando com grandes nomes da música vocal no Brasil.



Flávio Borges

O Afiador de Facas

Flávio Borges é cantor lírico brasileiro, com voz de baixo e carreira nacional e internacional. Atuou como solista em óperas, oratórios e repertório sacro, interpretando papéis como Dom Bartolo (Rossini), Sarastro (Mozart) e Adão (Haydn). Já se apresentou em palcos como o Carnegie Hall (Nova York) e o Fórum Econômico Mundial (Davos). Ex-trombonista, iniciou sua formação musical com o pai, Jaime Borges, e mantém orientação vocal com o barítono Francisco Campos. Seu repertório vai do barroco ao modernismo, com ênfase na solidez técnica e estilo refinado.

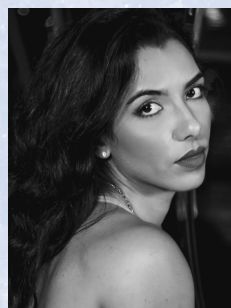
Elenco de Apoio

Moiras – Tecelãs Fiandeiras do Destino



Raquel Lacerda
Cloto

Mayara Lopes
Láquesis



Ju Soveral
Átropos

Junho de 2025

Theatro Municipal
de São Paulo

Ópera Fora da Caixa
O Afiador de Facas

Ópera de
Piero Schlochauer
com libreto de
Piero Schlochauer
e **Beatriz Porto**

Espetáculo em parceria
com a Cia Ópera São Paulo

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO

Leonardo Labrada, direção musical
Fernanda Vianna, direção cênica
Piero Schlochauer, codireção cênica

Solistas

Cecília Massa, A Filha
Edineia Oliveira, A Mãe
Julián Lisnichuk, O Filho
Flávio Borges, O Afiador de Facas

Moiras – Tecelãs Fiandeiras Do Destino

Raquel Lacerda, Cloto
Mayara Lopes, Láquesis
Ju Soveral, Átropos

Equipe Criativa

Renato Bolelli Rebouças, cenografia
Aline Santini, design de luz
Olintho Malaquias, figurino
PollyBr, visagismo
Clarice Lima, preparação corporal

Pianistas Correpetidores

Anderson Brenner

Cenografia

Anisio Serafim, assistente de cenografia
Dodó Moreau, estagiária de cenografia

Iluminação

Caio Maciel, assistente de iluminação e operador de luz

Equipe Central Técnica

Carolina Belletato

Julio Cesarini

Ricardo Fernandes

Orquestra Experimental de Repertório

Regente Titular Wagner Polistchuk

Regente Assistente Leonardo Labrada

Primeiros-violinos Cláudio Micheletti*, César Vinícius Batista de Lima, Diana Leal, Gabriel Campos, Gabriel Pereira, Igor Dutra, Igor Forte, Joaquim Oliveira, Luan **Araujo**, Luis Felipe Tavares, Matheus Pereira, Natan Janczak, Pedro Escher, Verônica Lopes **Segundos-violinos** Willian Gizzi*, André Piovani, Brunno Rodrigues da Silva, Matheus Neves, David Manoel, Emili Alves Nogueira, Guilherme Rodrigues, Gustavo Martz, Keldrey Águas, Lucas Olanda, Raíssa Laurenti, Victor Jordão, Xisleu Junior **Violas** Estela Ortiz*, Francismar Augusto, Gabriel de Oliveira Carlin, Gilvan Dias Calsolari, Guilherme Santana, Igor Borges, Julia Nunes Duarte, Lucas Magalhães, Renan Carlos, Ulysses Julião **Violoncelos** Júlio Ortiz*, Daniel Tassotti, Daniel Sousa Lima, Diego Pereira, Giovanni Vaz, Henrique Pereira, Laura Muniz Silva, Mateus Maldonado de Souza, Mateus Moreira, Peppi Araújo **Contrabaixos** Alexandr Iurcik*, Daniel Mengarelli, Israel Nicolas, Kaique Souza, Marcos Antonio, Leonardo Lima, Robson Monteiro, Matheus Mayer

Flautas Paula Vastano*, Ana Carolina Bueno, Ayla Carvalho, Giovana Dilio **Oboés** Gutierre Machado*, Gabriel Tamião Balieiro, Guilherme Alves Ribeiro, Renato Vieira Filho **Clarinetes** Alexandre F. Travassos*, Danilo Aguiar, Kerollin Evelyn Rodrigues, Laís Marina Francischinelli **Fagotes** José Eduardo Flores*, João Luis Maciel, Samyr Imad Costa, Mauro Sérgio Nunes de Oliveira Júnior **Trompa** Vitor Ferreira*, André Damacena, Danilo de Oliveira Nunes, Gabriel Duellberg, Manuela Pavanello de Almeida Proença, Leonardo Rodrigues **Trompete** Luciano Melo*, Erick Domingues Silva, Giancarlo Corraini, Nicolas Tavares **Trombones** João Paulo Moreira*, Sebastian Ruiz Mendo, Igor Taveira, Matheus Bretas, Pedro Camargo **Tuba** Sérgio Teixeira* **Harpa** Suelem Sampaio* **Piano** Lucas Gonçalves* **Percussão** Richard Fraser dos Santos*, Ana Luiza Cassarotte, Jefferson Silva, Elias Gonzaga, Renan Ladislau **Coordenador Artístico** Pedro Pernambuco **Inspetor** Boris Romão Antunes **Produtor de Palco** Renato Lotierzo **Montadores** José Neves e Paulo Codato *Monitor **Spalla

**Prefeitura Municipal
de São Paulo**

Prefeito Ricardo Nunes
Vice-prefeito Coronel Mello Araújo
Secretário Municipal de Cultura e Economia Criativa José Antônio Silva Parente – Totó Parente
Secretária-Adjunta Carol Lafemina
Chefe de Gabinete Rogério Custódio de Oliveira

**Fundação
Theatro Municipal
de São Paulo**

Direção Geral Abraão Mafra
Direção de Gestão Dalmo Defensor
Direção Artística Andreia Mingroni
Direção de Formação Leonardo Camargo
Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo

**Conselho Administrativo
Sustenidos**

André Isnard Leonardi (presidente), Carolina Gabas Stuchi, Claudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva, José Alexandre Pereira de Araújo, José Roque Cortese, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon Wagner e Renata Bittencourt

**Conselho Consultivo
Sustenidos**

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Daniel Leicand, Gabriel Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*), Paula Raccanello Storto e Wellington do Carmo Medeiros de Araújo

**Conselho Fiscal
Sustenidos**

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

**Sustenidos Organização
Social de Cultura
(Theatro Municipal)**

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo-Financeiro Rafael Salim Balassiano
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto
Contador Marcelo Francisco Rosa
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira
Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon
Gerente de Mobilização de Recursos Marina Funari
Gerente de Tecnologia e Sistemas Yudji Alessander Otta

**Complexo Theatro
Municipal de São Paulo**

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino
Secretária Executiva Valéria Kurji
Aprendiz Vitória Almeida de Moraes

Gerente de Produção/Programação Artística Nathália Costa
Coordenadora de Produção Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção** Carla Luiza Silveira Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Cinthia Cristina Derio, Carolina Beletatto, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Joana Leonor de Moura Rosa, Karine dos Santos, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Marita Cunha Prado, Rodrigo Correa da Silva, Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva e Rosangela Reis Longhi **Aprendiz** Isabelly Souza Santos **Coordenadora de Programação Artística** Camila Honorato Moreira de Almeida **Equipe de Programação** Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis Cunha Oliveira Barbosa, Maira Scarello, Marcelo Augusto Alves de Araújo e Pedro Ferreira Guida **Bolsista** Vitória Santos Almeida da Silva **Aprendiz** Aline Nunes Gouveia

Gerente Cenotécnico Aníbal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção Central Técnica** Laura de Campos Françoza **Equipe Central Técnica** Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição e Juliano Bitencourt Mesquita **Bolsistas** Alicia Esteves Martins, Ana Carolina Yamamoto Angelo, Azre Maria Ferreira de Azevedo, Caio Henrique Menezes de Oliveira, Gabrieli Barbosa da Silva, Julia Cristina Lopes Elias Cordeiro de Oliveira, Larissa Gabriele Trindade de Souza, Paulo Victor Pereira de Souza, Rodrigo Luiz Santos Machado, Tamiris de Moraes Hirata, William França da Conceição Nascimento e Winícios Brito Passos

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon **Coordenador de Musicoteca** Jonatas dos Santos Ribeiro **Equipe de Musicoteca** Carolina Aleixo Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglion, João Marcos Lopes de Souza Miranda, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão Minoci de Oliveira, Martin Butcher Cury e Monik Regina da Silva Freitas **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner **Aprendiz** Enzo Holanda

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes **Equipe de Formação, Acervo e Memória** Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora de Educação** Dayana Correa da Cunha **Equipe de Educação** Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intriéri, Fernanda Keico de Oliveira Sugiyama, Gabriel Gerônimo Alves França, Gabriel Zanetti Pieroni, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi e Monike Raphaela de Souza

Santos **Estagiária** Clara Carolina Augusto Garcia Gois e Sarah Graciano Lima **Aprendiz** Mariana Filardi

Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Andreia Francisco dos Reis, Bruno Bortoloto do Carmo, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva **Estagiários** Brenda da Silva Souza, Clara Carolina Augusto Garcia, Dam Baruch de Souza, Daniela Andressa Baez Garcia de Oliveira, Gabriela Eutran da Silva, Karina Araujo do Nascimento, Rayan Fernandes da Silva, Thalia Ariadna Silva de Andrade e Thalya Duarte de Gois

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos **Equipe de Ações de Articulação e Extensão** Renata Raissa Pirra Garducci

Diretor Cenotécnico Sérgio Ferreira **Coordenador Técnico** Jonas Pereira Soares **Coordenador de Palco** Adalberto Alves de Souza **Equipe de Direção de Palco** Amanda Tolentino de Araújo, Diogo de Paula Ribeiro, Matheus Alves Tomé, Olavo Cadorini Cardoso, Samuel Gonçalves Mende, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Anderson dos Santos Gasparotto, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Jorge de Carvalho, Igor Mota Paula, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Marcelo Evangelista Barbosa, Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos **Chefe de Contrarregragem** Edival Dias **Equipe de Contrarregragem** Luiz Carlos Lemes, Maicon Rodrigues Nagel, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Chefe de Montagem** Rafael de Sá de Nardi Veloso **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Marcus Vinícius José de Almeida, Nizinho Deivid Zopelaro e Pedro Paulo Barreto **Coordenador de Sonorização** Daniel Botelho **Equipe de Sonorização** André Moro Silva, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Rogerio Galvão Ultramarini Junior **Coordenador de Iluminação** Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Danilo dos Santos, Fabioli Galvão Fontes, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes, Wellington Cardoso Silva e Yasmin Santos de Souza

Supervisora de Figurino Luciana Conte Hadlich Santos **Equipe de Figurino** Alzira Campiolo, Eunice Baía, Fabiane do Carmo Macedo de Almeida, Geralda Cristina França da Conceição, Isabel Rodrigues Martins, Ivete Dias, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins, Regiane Bierrenbach e Walamis Santos **Aprendiz** Luisa Felix Fleck

Gerente de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias de Oliveira, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Leticia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Afonso **Aprendiz** Thierry Henri Barbosa Carvalho

Gerente de Parcerias e Novos Negócios/Bilheteria Luciana Gabardo dos Santos **Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Daniel Selles, Raphael Augusto Duarte Batista de Nazaré, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula **Aprendiz** Bianca Santos Andrade **Supervisor de Bilheteria** Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Bruna Eduarda Cabral da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva **Aprendiz** Gabriel Sagitario Constancio

Supervisora de Atendimento ao Público Ana Claudia de Carvalho Lima Faria **Equipe de Atendimento ao Público** Ana Luisa Caroba de Lamare, Juliana da Silva, Marcella Relli e Rosemeire Pontes Carvalho

Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos **Aprendiz** Amanda Nascimento dos Santos

Coordenadora de Captação de Recursos Heloíse Tiemi Silva **Aprendiz** Yasmin Antunes Rocha

Gerente Geral de Operações e Finanças Helen Márcia Valadares Meireles Carvalhaes **Assessora de Gerência** Fernanda do Val Amorim

Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Angelica Cristina Nascimento Macedo, Artur Ferreira de Brito, Fabiana de Almeida Costa, Juliana de Oliveira Moretti e Raísa Ribeiro da Rocha Reis **Aprendiz** Laura Silva dos Santos

Coordenador de Operações Mauricio Souza **Equipe de Facilities** Carolina Ricardo e Leandro Maia Cruz **Aprendiz** Emilly Santos Silva

Coordenador de Manutenção Predial Elias Ferreira Leite Junior **Equipe de Manutenção Predial** Gustavo Giusti Gaspare, Leandro Maia Cruz e Pedro Henrique de Campos Lima **Aprendiz** Lucas Cerqueira Vieira

Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos **Aprendiz** Karina da Silva Sena

Supervisora Financeira Jéssica Brito Oliveira **Equipe de Finanças** Christie Fernando de Oliveira Souza, Fernanda Estrela de Souza, Marília Durães Teixeira e Rosilene Costa dos Santos **Equipe de Controladoria** Erica Martins dos Anjos

Coordenador de Compras e Suprimentos Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras e Suprimentos** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Aprendiz** Larissa Cardoso Saviolli e Suiany Olher Encinas Racheti

Supervisora de Logística Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa **Equipe de Logística** Arthur Luiz de Andrade Lima, Guilherme Ferreira dos Santos, Lucas Lima Vieira e Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Douglas Bernardo Ribeiro e Lucas Serrano Cimatti **Aprendizes** Lucas Ferreira da Silva, Pedro Henrique Lima Pinheiro e Saulo Sousa de Lira

Gerente de Recursos Humanos Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Amanda Alexandre de Souza Mota, Janaina Aparecida Gomes Oliveira, Leticia Silva de Oliveira, Natali

Francisca Vieira dos Santos, Priscilla Pereira Gonçalves e Zenite da Silva Santos **Aprendiz** Maria Vitória Lima do Nascimento

Coordenador de Saúde e Segurança do Trabalho Edson Alexandre Moreira **Equipe de Saúde e Segurança do Trabalho** Mateus Costa do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes Lanfranco Pires

**Expediente
da Publicação**

Ilustrações Gustavo Piqueira

Design Casa Rex

Edição de Conteúdo Laureen Cicaroli Dávila / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Revisão Ciza Corrêa

Produção Gráfica Karoline Conceição e Winne Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Orquestra Experimental de Repertório

A Orquestra Experimental de Repertório (OER) foi criada em 1990, a partir de um projeto do maestro Jamil Maluf, e oficializada pela Lei 11.227, de 1992. A OER tem por objetivos a formação de profissionais de orquestra da mais alta qualidade, a difusão de um repertório abrangente e diversificado, que mostre o extenso alcance da arte sinfônica, bem como a formação de plateias. Entre os vários reconhecimentos que recebeu estão os prêmios Carlos Gomes, como destaque de música erudita de 2012, e APCA de Melhor Produção de Ópera de 2017.

A Sustenidos

A Sustenidos é uma organização referência na concepção, implantação e gestão de políticas públicas na área de educação musical. Atualmente, é gestora do Conservatório de Tatuí e do Complexo do Theatro Municipal de São Paulo, e foi gestora do Projeto Guri, maior programa sociocultural brasileiro, de 2004 a 2021.

O Conservatório de Tatuí é mantido pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e por empresas patrocinadoras, por meio de leis de incentivo fiscal. A administração do Complexo Theatro Municipal segue o modelo de gestão de OS, conforme edital estabelecido pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Entre os nossos projetos especiais destacam-se Musicou e MOVE; os festivais Ethno Brazil e Imagine Brazil, que têm como objetivo potencializar as dimensões estética, afetiva, cognitiva, motora e social de crianças, adolescentes e jovens; garantir sua sociabilidade, além de promover o acesso à diversidade musical e artística.

Assim, seguimos apoiando milhares de crianças, adolescentes e jovens para que entrem na vida adulta certos de que a arte é a melhor companhia para essa jornada.

Fundação Theatro Municipal de São Paulo

A Fundação Theatro Municipal de São Paulo (FTMSP) foi instituída em 2011 com o objetivo de tornar-se referência em gestão de equipamentos públicos culturais de grande porte. Fundamentada na formação, criação, produção, difusão, fruição e fomento das artes e da cultura, a FTMSP promove diálogos e é catalisadora na criação de sinergias entre linguagens artísticas, espaços e, principalmente, pessoas. Com uma gestão pautada pela construção de seus valores, a Fundação trabalha ininterruptamente com isonomia, transparência, competência técnica, respeito à diversidade, valorização e democratização do acesso à cultura, atendimento de qualidade ao cidadão, inclusão social, excelência, vanguarda e experimentação cultural e artística.

Como retrato de uma estrutura plural e múltipla, a FTMSP é composta de seis equipamentos públicos – o Theatro Municipal de São Paulo, a Praça das Artes, a Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri, o Centro de Documentação e Memória, a Escola de Dança de São Paulo e a Escola de Música de São Paulo – e seis corpos artísticos – a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), o Coro Lírico Municipal, o Coral Paulistano, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o Balé da Cidade de São Paulo e a Orquestra Experimental de Repertório (OER), sendo este de caráter artístico-formativo. Além dos corpos estáveis, ainda contempla grupos como o Ensemble, que desenvolve projetos artísticos com repertórios desenhados para variadas formações, e detém o papel de divulgar e descentralizar a produção artística realizada pela Fundação.

É na área de formação que a FTMSM torna evidente seu caráter permeável, construindo um ambiente propício ao encontro de diferentes realidades e comunidades. Esta é a área mediadora por excelência, pois transforma e é transformada de forma constante para que seus corpos docente e discente participem e sejam verdadeiramente pertencentes à trajetória aqui traçada. Compõem a área de formação: a Escola de Dança de São Paulo (Edasp) com o Balé Jovem de São Paulo, a Orquestra Experimental de Repertório (OER), a Escola de Música de São Paulo (EMM) com a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, a Orquestra Sinfônica Infantojuvenil, a Banda Sinfônica, o Coro Jovem, o Coro Infantojuvenil e o Ópera Studio. Considerando a dinâmica da área cultural, que demanda profissionais com sensibilidade para as artes, alto padrão técnico e conhecimento de linguagens diversas, as escolas disponibilizam cursos gratuitos para crianças e jovens a partir dos 8 anos. As escolas e os corpos artísticos de cunho formativo buscam preparar cidadãos com olhar potente para a cultura e para a arte, aptos tecnicamente para atuar em suas áreas, com referências e experiências para abordar suas respectivas linguagens, assim como a intersecção das mesmas.

A Fundação Theatro Municipal está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e, em consonância com os demais equipamentos e projetos dessa secretaria, fomenta as relações entre as pessoas, a arte, a cultura e os espaços públicos, o que contribui para o diálogo, a criação, a manutenção e a expansão do patrimônio material e imaterial da cidade de São Paulo.

junho 2025

27 sexta 19h

28 e 29 sábado e domingo 17h

julho 2025

3 quinta 19h

4 sexta 19h

5 sábado 17h

**Central Técnica de
Produções Artísticas
Chico Giacchieri**

**Informações e ingressos
theatromunicipal.org.br**

Acompanhe nossas redes sociais:

Theatro Municipal

f @theatromunicipalsp

@ @theatromunicipal

**You
Tube** @theatromunicipalsp

d /theatromunicipalspl

Praça das Artes

f @pracadasartes

@ @pracadasartes

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:

escuta@theatromunicipal.org.br e ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br

Programação sujeita a alteração.

\$ 30 (inteira)



duração aproximada
60 minutos (sem intervalo)



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



parceria:



realização:





ODORS DEFAS